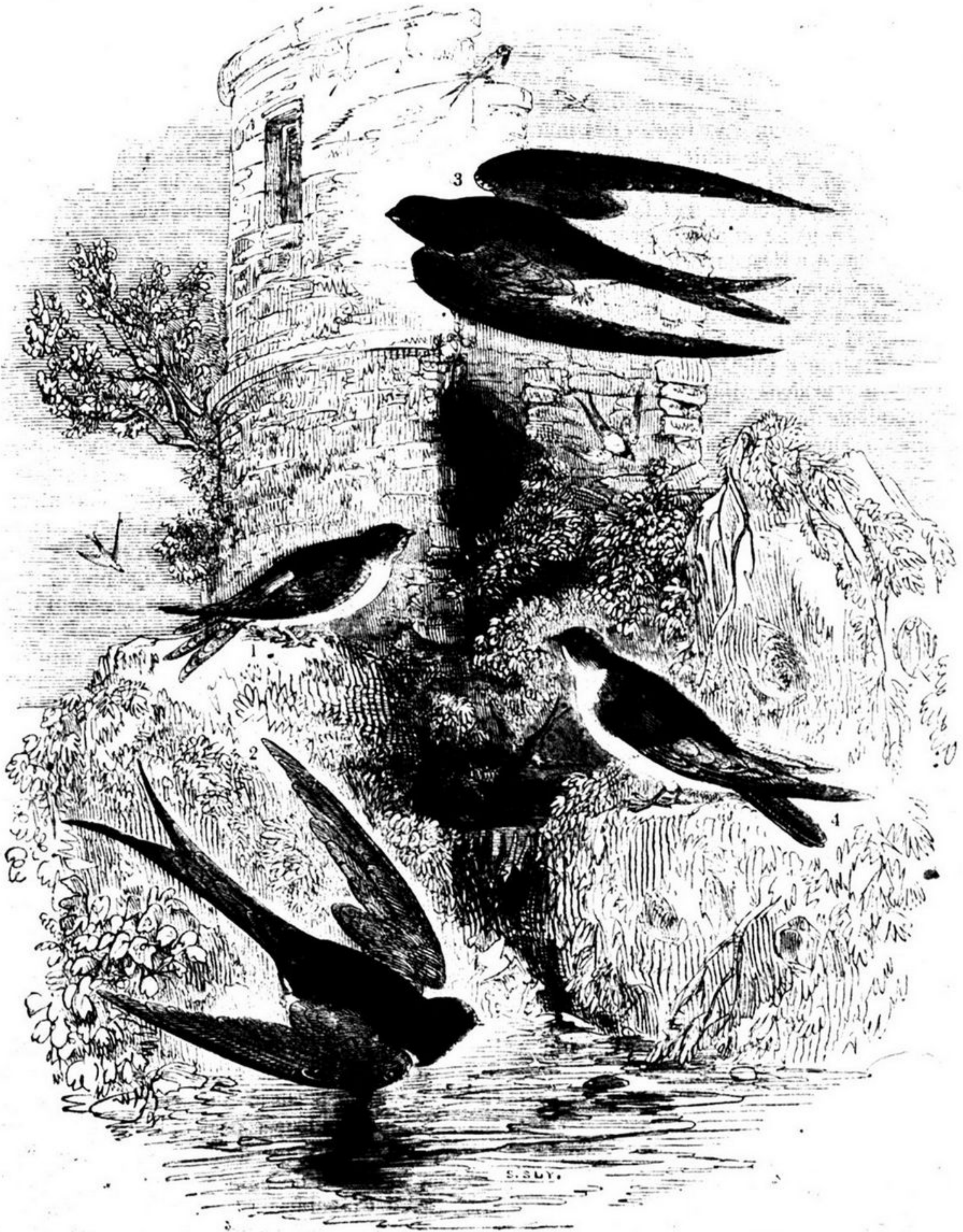


A ANDORINHA

Os *Fissirostros diurnos* são algumas vezes designados pelo nome commum de *Andorinhas*; não obstante, dividem-n'os, geralmente, em duas especies: *Andorinhas* propriamente ditas, e *Gai-vões*.

As *Andorinhas* propriamente ditas (*Hirundo*) teem o bico triangular, largo na base e um pouco recurvado na ponta, as ventas oblongas, pernas curtas, os dedos dos pés dispostos como na maior parte dos pardaes, azas muito compridas e a cauda, ordinariamente, bipartida; procuram sempre as grandes povoações, e os serviços que prestam



purgando o ar de uma multidão de insectos prejudiciaes, deram lugar a que, por muito tempo, fossem consideradas como emanação divina, e por consequencia tidos por criminosos os individuos que procurassem maltratal-as.

Poucas especies teem o instincto social tão desenvolvido como as andorinhas. Reunem-se em familia, caçam, percorrem em bandos o espaço, prestam-se mutuo soccorro contra as aves de rapina e edificam os seus ninhos nos mesmos

sítios durante muitos annos consecutivos. É na primavera que as vemos apparecer, primeiro, em pequenos bandos, depois em grandes, e espalham-se então pelos campos e cidades, reparando os ninhos do anno precedente ou construindo novos em que empregam muitas vezes um mez de trabalho.

A fórma dos ninhos, bem como o logar, variam, segundo as especies. Ora tem a fórma de um cylindro ou de um quarto de semi-espheroide; ora a de um cone truncado; umas familias constroem-n'os nos angulos das janellas e nas beiras dos telhados; outras nas concavidades dos rochedos, nos buracos do solo, nas fendas dos muros e das arvores velhas. As materias que empregam na construcção variam igualmente: as *Andorinhas de chaminé* e de *janella* fabricam-n'os de terra molhada e palha miuda, forrando-os interiormente de colão e de pennas; o *Gaivão* preto edifica o seu de bocadinhos de madeira, palha, pennas e outras substancias semelhantes, apêgando-as entre si com o humor viscoso que lhe cobre constantemente o interior da boca. A postura é de seis a oito ovos. Durante o choco, que dura ordinariamente deseseis dias, a femêa não deixa um só momento o ninho. O macho leva-lhe o producto da sua caça, e vigia de noite a ninhada. Quando os filhos nascem, os pais ensinam-lhes a fazer uso das azas, mostrando-lhes, de longe, o sustento; guiam-n'os em suas excursões em quanto carecem de auxilio e depois passam a cuidar da nova ninhada; o que se repete tres vezes, ordinariamente, em cada estação. No outomno, as andorinhas emigram todas, e no mez de outubro commecam a apparecer no Senegal. Todavia, durante o inverno, encontram-se, algumas vezes nas grutas ou nos cançados, muitos d'estes passaros, mergulhados n'um torpor lethargico. As andorinhas são dotadas de uma potencia de vôo extraordinaria.

Poucas especies voam com tanta rapidez. Spallanzani afirma, que a andorinha de janella pôde andar por hora vinte leguas e que o vôo do gaivão é muito mais rapido. Um sentido singularmente desenvolvido entre estes passaros, é a vista. Um facto, de que Spallanzani foi testemunha, mostrou-lhe que as andorinhas distinguem, perfeitamente, na distancia de 105 metros, um objecto tal, como uma formiga de azas.

Quatro são as especies de andorinhas que se acham em todo o Sudoeste da Europa: a *Andorinha de janella* (*Hirundo urbana*) preta pela parte superior do corpo, branca pela inferior e no uropigio, e cujos pés são revestidos de pennas até ás unhas. Edifica o seu ninho nos angulos das janellas, nas beiras dos telhados, etc. a *Andorinha de chaminé* (*Hirundo rustica*) preta pela parte superior do corpo, branca pela inferior, frente e garganta ruivas, dedos nus e cauda rasgada e longa. Deriva o nome do logar que procura para a sua habitação, onde fabrica o ninho, a que dá a fórma de um quarto de semi-espheroide: a *Andorinha das praias* (*Hirundo riparia*) mais pequena do que as precedentes, parda pela parte superior do

corpo e no peito, branca na garganta e pela parte inferior. Desova em buracos nas margens dos rios, lagos e, muitas vezes, no inverno, é encontrada n'aquelles logares n'um estado de torpor lethargico: a *Andorinha dos montes*, (*Hirundo rupestris*) que não differe da andorinha de chaminé senão em ter as pennas alvadias pela parte superior do corpo e a cauda um pouco rasgada. Das especies estranhas citaremos apenas a *Andorinha Salangana*. (*Hirundo esculenta*) que habita nas ilhas do Archipelago Indio; é muito mais pequena que todas as outras, e a substancia gelatinosa com que fabrica os seus ninhos é muito procurada pelos chinezes, que a consideram um excellente manjar. Os guisados de ninhos de andorinhas figuram em todos os grandes banquetes do Celeste Imperio: estes ninhos tambem são objecto de um grande commercio, e vendem-se por preços elevadissimos.

Os gaivões distinguem-se das andorinhas, com as quaes se confundem nos costumes, por terem as pernas mais curtas e as azas muito mais compridas. Esta curtesa das pernas junta ao comprimento das azas faz com que, estando no solo, tenham grande dificuldade em tomar o vôo; em consequencia do que raras vezes poisam; vivem constantemente no ar reunidos em bandos numerosos, perseguem os insectos, gazeando fortemente e aninham-se nas fendas dos muros e nos rochedos. Encontram-se apenas na Europa duas especies: o *Gaivão preto* (*Cypselus apus*) que tem o corpo preto, garganta branca e que anda pelas torres e pontos elevados, importunando os habitantes dos logares com os seus incessantes guinchos; e o *Gaivão grande* (*Cypselus melba*) habitante dos Alpes, que se aninha nas concavidades dos rochedos.

Entre as especies exóticas, a mais elegante e notavel pelas lindas cores e sobretudo pelas pennas que tem sobre o bico, em fórma de bigode, é, sem contradicção, o gaivão da Nova Guiné.

O homem de coração puro encontra sempre rasões para aggravar o seu crime e não para justificar-se.

A QUESTÃO LITTERARIA

Por ZACHARIAS AÇA

Fallarei tambem, para completar este esboço critico, do livro que se seguiu á *Visão dos tempos*, e cuja segunda parte é. Nas *Tempestades sonoras* ha a mesma tendencia poetica e historica, quero dizer, o mesmo modo de manifestação, e ainda o mesmo intrincado de phrase na prosa, e na poesia accresce a exaggeração, a transferencia impossivel de attributos, e uma falsa grandeza que, perdoem-me a palavra que é dura, não consegue ser senão ridicula.

Eis-aqui e em poucas palavras o que geralmente se diz e pensa a respeito d'estes livros. Não é o que a imprensa publica, bem o sabemos, porque os orgãos da opinião, largam muitas vezes mão da consciencia e escrevem o que não sentem, mas

é o que eu penso e creio ser a opinião geral que se não deixa levar pela opinião de escriptoreslouvaminheiros.

As tendencias que revelaram no sr. Theophilo Braga um scismatico, sectario da religião das *trevas que luzem* (a) não eram novas para nós, infelizmente. Os que tem frequentado a Universidade, e os que estudam e seguem o movimento intellectual em Portugal, sabem que desde muito lavra em Coimbra este incendio obscuro, que pretende substituir o sol. Todos conhecem o *Raio*, o *Minho* e outros jornaes em que alguns mancebos de merecimento, porque o tem, costumavam perder o seu tempo e transviar o espirito dos caminhos luminosos para nos dizerem: «A liberdade se não é Deus é um estilhaço de Deos.» «O melharuco do encephalo devora sempre a abelha da alma» e outras coisas assim de que eu podia fazer um grande estendal.

Pertenceram a este gremio, em que reinavam o archaismo e o neologismo, o sr. Camillo Castello Branco, que já desceu das alturas, felizmente para elle e para nós, o sr. Ayres de Gouvêa e o sr. Vieira de Castro quando escrevia a biographia do nosso eminente romancista. Aqui em Lisboa ha alguns escriptores e não dos somenos a quem se póde fazer o mesmo reproche.

A critica, até hoje, tem-n'os respeitado e parece-me que póde bem ser accusada de se parecer com os fidalgos do antigo regimen, humildes nos paços, orgulhosos nas ruas. Perante a critica, quero dizer perante a rasão e a consciencia, todos são eguaes.

A imitação das allucinações de Victor Hugo tem feito com que alguns poetas e prosadores despresem por vezes a naturalidade e procurem á custa do sacrificio d'esta realisar um ideal impossivel. O distincto poeta, o sr. Mendes Leal, incorreu n'esta falta quando escreveu algumas das estrophes do *Napoleão no Kremlin*.

É ainda á imitação mal entendida do grande poeta francez, que, forçoso é dizel-o, vae na decadencia do seu talento, que devemos attribuir a falsa grandeza, o procurar do effeito, o amaneirado, que se nos depara nas composições poeticas do sr. Anthero do Quental; e como os imitadores costumam exagerar os defeitos dos originaes, a poesia cósmogonico-philosophica que tem por titulo — *Fiat lux* — leva a palma ás maiores extravagancias da phantasia de Victor Hugo.

Isto fica dito por uma vez, e parece-me que ninguem que tiver lido o *Fiat lux*, me pedirá a analyse d'esta composição.

Até hoje tenho escripto exclusivamente sobre artes e é esta a primeira vez que me occupo de critica litteraria. Os que me tem lido (poucos são) na *Revista do Seculo*, sabem que sou habitualmente severo nas minhas apreciações, e que tratei alli os professores da Academia das Bellas Artes, que são todos meus amigos, e os outros artistas para mim desconhecidos, com a maior igual-

dade. Distribui os louvores e a censura conforme com a minha consciencia, e d'isto não me arrependo.

O que digo aqui não me é dictado pelo desejo de agradar, de ganhar corôas no torneio. Andam na lide outros campeadores a quem ellas são devidas. Não sou d'esses que a troco de zumbaias vis procuram grangear a graça regia de um sorriso, d'esses a quem um grande poeta, Corneille, se não me engano, disse — «Afastai-vos porque o vosso thuribulo ferio-me na face» mas tambem não levanto a lama para a lançar ao rosto dos que andam na mesma faina e que tiveram a desventura de nascér antes de mim, nem lhes grito — Velhos! curvai-vos, respeitai-me e segui-me, porque eu sou a verdadeira sciencia, a luz e a inspiração; porque eu sou novo e bello, e porque a aurora da vida ainda me illumina a fronte com os seus ultimos clarões!

Entre o critico e o pamphletario, entre a dignidade e a vaidade, ha um abysmo. Não entendo que a critica deva ser insultadora, nem tenho para mim que seja grande o nome do que poz a coroa de espinhos na cabeça do Christo.

Não é nas cavernas lobregas do orgulho que devemos procurar a luz. O orgulho fez Satanaz, mas não faz os effeitos.

É na consciencia que está a justiça, e, como disse o sr. Alexandre Herculano, devemos traze-la sempre conosco, para que não seja, fóra de nós, como uma visão tremenda que nos acompanhe, inexoravel como o olhar que perseguia o Cain da *Lenda dos seculos*

(Continua)

IDILIO

I

A Confissão

Era pelo descair de uma linda tarde de primavera; hora em que o sol, ao occultar-se, tinge de mil côres o ceo; hora de doce e religioso encanto, em que vaguea melancolico o pensamento, e o coração sente indefinivel ternura. Azues se mostravam, quasi sem perfis, as longiquas montanhas por entre um vapor alvacentos que, como transparente véo as cobria. A brisa, com o seu errante e leve sopro, agitava, graciosamente, as copas das arvôres, e silvava, branda, por entre a ramagem, onde brilhava, e desapparecia, e tornava a brilhar por instantes, a luz phosphorica do pyrilampo. O triste e saudoso canto de algumas aves confundia-se com o prolongado estridor do grillo. A passo lento, preguiçoso, se dirigiam os rebanhos para o redil seguidos pelos pastores que, ora os acompanhavam, ora se distraiam, para escutar as tardas vibrações de uma harmonia ao longe. Soberbo, magestoso era o quadro, que a natureza, sempre prodiga, n'aquelle momento apresentava! Pela encosta do monte desciam então, em deleitoso colloquio entretidos, Narciso e Lilia formosa.

—Consegui fallar-te hoje, amavel pastora; mas, por estranho acaso; porque na estreiteza do caminho não podeste evitar o encontro, como o tens

(a) *Fiat lux*—por Anthero do Quental.

feito na planície. Foges de mim, Lilia, e eu busco-te por toda a parte, e a todos os instantes: como o gado procura o pasto, como o extraviado cordeirinho a mãe afflicta. Foges-me, Lilia, que eu amo, como as abelhas amam o calix das flores, e como as flores amam a luz e a frescura da manhã. Feliz quem possui o teu carinho, pastora, porque o prazer lhe trasborda do coração. Desgraçado de mim, que o teu desprezo choro incessantemente!

— Não duvido; mas, a quantas pastoras tens dito o mesmo que ora me disseste, Narciso? Já t'o ouvio, certamente, Ulna, a bella, para quem tuas canções possuem tantos attractivos; a soberba e altiva Belisa a quem abrandam os maviosos sons da tua frauta; e Phillys, a affectada e languida Phillys, que hontem ostentava uma grinalda de rosas colhidas por tua mão. Falla a essas do teu amor, sensível Narciso, que eu não troco a minha liberdade, nem a minha alegria por mentirosas palavras.

— És injusta, Lilia; o ceo dou por testemunha de que não mereço me dirijas taes accusações. Escuta-me! Ha poucos dias, disputavam dous pastores o premio do canto, na presença de muita gente da aldeia reunida debaixo da grande azinheira. Casualmente, passei por alli; e ao avistarem-me, deteve-se o que cantava, poz-se de pé o rival, e alguns dos jovens pastores me convidaram a entrar na liça. Ulna exclamou então: «Canta, Narciso, que tua voz é grata ao ouvido e commove o coração.» «E senão, que acompanhe com a frauta os cantores, porque os sons que d'ella tira são mais agradaveis do que os suaves gorgeios do rouxinol.» Isto disse Belisa. Eu respondi: «Amigos, como poderá cantar quem vive tão tristemente? Como poderá tocar quem chora a todo o momento? Ha muito que não exercito a voz e bem sabeis que minha frauta, tambem ha bastante tempo, se acha pendurada n'um ramo do alamo que sombrea a minha cabana. Não me falleis, pois, em canções, jogos e danças, em quanto aquella, que me roubou o socêgo, o não restituir ao meu peito contristado». «Roguemos a Lilia que o ame; exclamaram, como que de mim zombando, as duas pastoras que citei. Ao ouvir pronunciar o teu nome, senti que todo o sangue me affluia ao coração, e que o rosto se me tornava rubro... como ferro em brasa. Vês? a todos, d'este modo, descobri o meu segredo.

— É a grinalda de Phillys?

— Eu t'o digo: Hontem procurando um cabritinho extraviado, estava Phillys colhendo flores no rosal silvestre, que vegeta na borda mais escarpada do monte. Ao divisal-a (e não o fiz por fugir-lhe, foi por não interromper o meu trabalho) torci caminho, fingindo não a ter visto; porém, não havia andado muito, quando um grito penetrante me chegou aos ouvidos. Era um grito de Phillys por se ter ferido nos espinhos ao apanhar uma rosa...

— Logo, esqueceste o cabritinho, correste direito a ella, e procuraste, com solícito cuidado, es-

tancar o sangue, que lhe corria pela nivea mão... não é verdade? Não beijaste apaixonadamente aquellos delicados dedos?... E a grinalda que, tão orgulhosa, ostentava no prado? não foste, tu, quem lh'a poz sobre os lindos cabellos louros?

— Lilia, não esqueci o cabritinho, nem corri, nem lhe beijei os dedos; pelo que respeita á grinalda é certo; porém, não sei o que ella em mim notou quando lhe puz as flores; porque na despedida exclamou: «Agradeço a tua extrema cortezia, gentil Narciso; ainda que conheço, que não deveras fazer um obsequio d'estes a outra pastora. Eras tu, a quem ella se referia.

— A mim?

— A ti, sim, pastora; porque todos da aldêa sabem que te amo. Sabem-n'o os bosques, a cuja espessura tantas vezes hei confiado meus pesares; a fonte, cujas aguas crystallinas teem sido um balsamo refrigerante para meus olhos cansados de chorar o teu desamor; o meu descuidado rebanho; as minhas flores que, pelo abandono, teem murcheado; as arvores em que tenho gravado o teu nome; o dia em que te vejo tão cruel e os meus sonhos em que ás vezes te contemplo branda a meus rogos; todos, todos sabem do meu amor e dos meus tormentos!

E se, pois, tanto amor te consagro, formosa Lilia, porque não me has de tambem amar? Oh! quão felizes seriamos, unidos pelo amor em suave jugo! Para ti, só, reservaria o melodioso da minha voz; para ti, só, os ecos repercutiriam os sons da minha campestre frauta; adornar-te-ia o seio com a primeira flor da primavera, e teu seria o primeiro cacho que amadurecesse na vide. Offerecer-te-ia os passarinhos que apanhasse nas brechas escarpadas ou no elevado cimo das faias; seria a tua companhia nos bosques; e quando o sol abraçasse a terra com os seus ardentes raios do meio dia, á fresca sombra abrigados, fallar-te-ia do meu amor, e procuraria ler o teu n'esses lindos olhos e no teu amavel sorriso.

Ama-me, Lilia. Orphão ao nascer, não ouvi a voz de minha mãe, não lhe adormeci nos braços, não lhe senti bater o coração; tambem não andei ao collo de meu pai, nem tive irmãos que me estimassem e que brincassem commigo. O meu primeiro, e unico amor és tu; por isso, talvez nenhum affecto seja mais profundo. Ah! parece que n'esta affeição que te dedico, amo os irmãos que a Providencia me negou, a mãe que me deu a existencia, á custa da sua, e o pai, cuja fronte jámais tocaram meus labios...

— Narciso, meu amigo, tambem te amo. Quando choravas o meu apparente desdem, eu, julgando-te inconstante, rogava aos céos que a minha imagem se te gravasse no coração; porque o meu, por ti só, e só para ti vive.

Quão perigoso é o estudo da philosophia quando se não tem o entendimento são e bastantemente solido para resistir ás impressões, aos sophismas capciosos dos falsos philosophos!

A FESTA DOS REIS

O rei bebe de Jordões.

Este desenho é copia de um quadro de Jacques Jordões, celebre pintor da escola flamenga, que nasceu em Anvers no anno 1594, e que tendo seguido algum tempo as lições de Rubens, chegou a imital-o com tanta felicidade que se attribuiu a este ultimo uma das suas melhores composições: *Jesus Christo entre os doutores*. As obras de Jordões são notaveis pelo vigor do colorido e pelo que os entendedores chamam *claro-escuro*; e, se

o que dizem biographos merece credito, trabalhava com tanta facilidade, concluir em seis dias um quadro de mensão, representando a nympha Syphax formada em canna por suas irmãs, as quaes no momento em que ia ser apanhada pelo caçador que a perseguia.

Os leitores ainda não adivinharam o sumpto da nossa gravura? É uma d'essas que ainda hoje em alguns paizes da Europa commemora o dia da Epiphania ou dos Reis; festa celebrada com um banquete



meça pela nomeação de um rei, a quem todos devem obedecer e render preito e homenagem durante o festim. Esta nomeação é feita á sorte e do seguinte modo: Amassa-se um grande bolo, dentro do qual se mette uma fava. Pouco antes de começar o jantar traz-se o bolo para a meza e corta-se em tantas partes quantas são as pessoas presentes; procede-se á distribuição dos quinhões; e aquella, a quem a sorte leva o bocado que contém a fava, é, immediatamente, com grandes applausos e ceremonial devido, proclamada rei ou rainha da festa. Em seguida, o monarcha escolhe um bobo de entre os convivas, o qual é encarregado de divertir com seus gestos grotescos e ditos chistosos a companhia. As despesas do banquete são feitas pelo rei.

Não designaremos o papel de cada um dos personagens do quadro; bem claro o mostram o seu character e attitude. Tambem não ha necessi-

dade de citar o facto religioso que se celebra no dia da Epiphania. Observaremos, porém, que alguns sabios, considerando a coincidência exacta, quanto á época do anno, d'esta festa com as antigas saturnaes dos Romanos, e ao mesmo tempo achar na realza imprópria de se neste dia a dominação momentanea dos deuses das festas de Saturno, disseram que aquelles deuses não são a continuação das saturnaes. Aparentemente os philosophos christãos tambem se pronunciaram contra o rei bebe, porque, diziam elles, se não se distingue o divino com o profano. Mas tanto uns como outros não encontraram adversarios bastante resolutos para os combaterem logicamente em seus argumentos.

Parece que, não sómente nas escolas e entre os estudantes e entre o povo, mas tambem em épocas remotas, eram taes os abusos e excessos que a fraqueza dos estomagos não poderia certo supportar, e que

presidia a mais completa desenvoltura a estas nocturnas orgias.

Antes da revolução de 1789, a festa dos reis deu logar a que muitas vezes na cõrte de França o príncipe acompanhasse os cortezãos no alegre banquete. Mas depois da restauração era exclusivamente em familia, que nas Tulherias se dividia o bolo, do qual devia sair a ephemera realza.

N'uma época muito mais distante, os soberanos de Inglaterra admittiam ao banquete dos Reis até os simples menestreis; e é notório, que foi n'um d'estes que, sob o reinado de Eduardo III, caio em certo anno a sorte.

No meio-dia da Inglaterra, a designação de um rei ou de uma rainha era seguida da nomeação dos *ministros, camaristas, escudeiros, damas*, de que se rodeavam os novos principes; o que era tambem feito á sorte.

Seria fastidioso enumerar todas as particularidades d'estas festas; mas não podemos deixar de mencionar a circumstancia interessante que se dava, antigamente, em muitas d'estas reuniões, especialmente entre a gente do campo, de, ao repartir o bolo dos reis, contar-se com as pessoas ausentes da familia, guardando-se-lhes o seu quinbão com um cuidado religioso, a que se juntava quasi sempre alguma superstição; porque muitas vezes, via-se a mãe saudosa consultar o fragmento d'esse bolo, crendo ler nas alterações originadas pelo tempo, um prognostico seguro da posição mais ou menos critica do terno objecto dos seus cuidados.

Naturalmente os homens teem mais inclinação para quem os não contradiz do que para quem os reprehende.

OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

II

Dos cinco benemeritos inglezes, cujos nomes temos de commemorar, notaveis alguns quer pelas qualidades do sangue e riqueza, quer por elevadas funcções exercidas na hierarchia civil, dignos todos de respeito por dotes de ingenho e sciencia, e que em nossos dias demonstraram mais apaixonada predilecção pela litteratura portugueza, como que sagrando-lhe uma especie de culto, ou convertendo-a em objecto de seus particulares estudos, cabe o primeiro logar, segundo a ordem chronologica, a Lord Holland. D'elle, como dos outros, escreveremos em poucas palavras, menos do que desejamos, attentas as dimensões do espaço de que podemos dispôr.

Herdeiro e representante de uma familia distincta da Grã-Bretanha, elevada ao pariato por Jorge III em 1762, Henrique Ricardo Vassall Fox, terceiro Lord Holland, nasceu, segundo se diz, em

1773. A sua educação foi esmerada, e propria para desenvolver seu talento e natural propensão para os estudos. Sobrinho do eminente orador e ministro Carlos Fox, e como elle devotado membro e servidor do partido *whig*, cedo começou a occupar-se das coisas publicas da sua patria, tomando assento nas cadeiras do parlamento. Ahi professou e defendeu as idéas e principios do tio, cujo collega veiu a ser no gabinete durante o curto intervallo em que aquelle celebre estadista se viu por segunda vez collocado á frente dos negocios como primeiro ministro em 1806. Ao cabo de vinte e seis annos, no de 1832, tocou-lhe ser ainda chamado ao serviço, no importante cargo de chanceller do ducado de Lencastre, por occasião da subida ao poder do ministerio Grey-Melbourne. Porém as lides politicas, e os debates da tribuna jamais tomaram sobre o seu espirito preponderancia tal, que por ellas se esquecesse do cultivo das letras, sobretudo de estudos philologicos, que amava apaixonadamente.

Havendo passado em Hespanha, e crêmos que em Portugal, uma parte da sua juventude, obtivera dos idiomas de ambos os paizes conhecimento bastante para entender os seus escriptores e poetas; e para apreciar nos originaes de cada um as bellezas e defeitos. Na sua escolhida e numerosa livraria avultavam em grande copia os livros hespanhoes e portuguezes, ditos *classicos*. Como fructo dos conhecimentos philologicos adquiridos no estudo da litteratura peninsular, escreveu e publicou em Londres (1805) umas *Memorias para a vida de Lope de Vega*, ás quaes addiccionou, reimprimindo-as em 1817, em dois volumes, outras acerca de Guilhen de Castro. Obra bem trabalhada, e de aprazível leitura em que se contem curiosas e interessantes particularidades relativas aos dous poetas, e a critica judiciosa de suas composições.

A liberdade dos povos peninsulares teve tambem em Lord Holland um dos seus mais ardentes campeões. Acolheu e hospedou em sua casa com fraterna e carinhosa hospitalidade varios hespanhoes illustres, que em Inglaterra se refugiaram, no tempo em que a peninsula supportava os rigores da invasão franceza, ou quando as barbaras perseguições de Fernando VII forçavam os subditos a expatriar-se para não cairem nas garras do algoz. No periodo de 1828 a 1833 advogou calorosamente por mais de uma vez no parlamento britannico a causa liberal portugueza, e os direitos da rainha, e houve-se com a costumada generosidade para muitos dos portuguezes alli refugiados. Seu character affavel, instrucção e franca amenidade do trato faziam a sua sociedade uma das mais agradaveis e instructivas, não só do seu paiz, mas da Europa. Falleceu em 1840. E é para notar que tendo-se elle mostrado toda a vida um rigido e fervoroso sequaz do protestantismo, seu filho e herdeiro viesse logo depois de sua morte a abjurar taes doutrinas, tornando-se catholico, e morrendo como tal em Napoles, ainda não ha muitos annos!

Ignoramos o destino que tivesse, ou onde para hoje a rica livraria de Lord Holland. Entre os seus *classicos* portuguezes de maior estimação, contava-se um exemplar da primeira edição dos *Lusíadas* (1572). D. José Maria de Souza, morgado de Matheus, que o teve presente para a esplendida edição que do mesmo poema fez em 1817, a elle se refere em mais de um passo, com circumstanças que lhe realçavam o valor.

(Continua.)

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

II

No dia 3 de maio de 1863, ao cair da tarde, reinava em Medellin, cidade mexicana situada á beira do Rio-Jamapa, extraordinaria agitação. Abriam-se e fechavam-se portas, descerravam-se janellas, e homens vestidos de modo extravagante, ainda que pittoresco, davam-se pressa em correr para o sitio, onde resoavam as notas vibrantes de uma corneta, que tocava a assembléa. Estes homens, cuja physionomia devastada indicava a maior parte das vezes uma existencia excepcional, levavam *revolvers* mettidos no cinto, e punham ao hombro a carabina moderna. Comtudo o seu armamento era tão caprichoso como o seu traje, o que dava azo a que alguns d'elles apresentassem um aspecto de verdadeiros arsenaes d'antigualhas, e que, desde a frecha dos *azteques* até á carabina raiada de Minié, não houvesse arma que não tivesse a sua representante n'este pouco veneravel congresso. Com estes homens cruzavam-se, trocando algumas palavras ou alguns gestos amigaveis, outros que mostravam, pelo uniforme, pertencer ao corpo de infantaria da marinha franceza. Os mexicanos pacatos assomavam ás janellas para espreitarem curiosos este bulicio, e, com uma das mãos no fecho e a outra na tranca, preparavam-se para as cerrarem immediatamente assim que os ares se mostrassem turvos. Depois, quando acabavam de passar esses magotes de gente armada, tudo se trancava de novo, e as ruas desertas caíam n'um profundo silencio.

Pois não era porque a tarde não estivesse linda, e porque as lorangeiras, as baunilhas, e as pimenteiros, que rodeiam a formosa cidade com perfumado cinto, não exhalassem as suas fragancias mais suaves. Mas Medellin, a cidade das festas e dos bailes, a voluptuosa creoula, que se recosta á beira do rio, refrescando-se com o leque das suas palmeiras, e balouçando-se na sua rede de lianas a dois passos de Vera-Cruz, havia tres dias que vergava a um pungentissimo receio. As guerrilhas mexicanas, animadas pela impunidade, já se não contentavam apenas em esperar os viandantes nas estradas, vinham até ás portas da cidade, e, aproveitando a espessa verdura, e as floridas moitas que cercam Medellin, emboscavam-se n'ellas e varejavam as ruas com um diluvio de ballas, que affugentava os tranquillos burguezes, e obrigava a guarnição a fazer uma sortida quasi sem-

pre infructifera, porque se bem que as guerrilhas retiravam, retiravam sem perderem um homem só, e voltavam d'ahi a pouco a repetir as mesmas façanhas.

A guarnição de Medellin compunha-se de contra-guerrilhas, de uma companhia de infantaria de marinha, e d'uns vinte soldados mexicanos, affectos aos francezes, e commandados por Llorenta. Todos estes bravos mordiam-se de raivosos ao verem a impudencia dos guerrilhas, mas tinham de se contentar com essas demonstrações de coera, porque o chefe dos assaltantes soubera por tal forma dissimular o sitio do seu covil, que, por mais diligencias que se fizessem, não era possível atinar-lhe com os rastos.

Comtudo n'esse dia decidira o coronel Dupin, que, desse por onde desse, a contra-guerrilha havia de tomar a offensiva, e bater matto até descobrir a caça, embora ficassem estirados na espessura das florestas virgens os caçadores desde o primeiro até ao ultimo. Mais valia isso do que supportar-se por mais tempo que uns miseraveis salteadores estampassem tão feia macula na bandeira tricolor, vindo todos os dias insultar impunemente a cidade protegida pelas azas possantes das aguias imperiaes.

Por isso reinava tanta agitação na graciosa cidade mexicana, e os seus habitantes, em vez de tomarem indolentemente o fresco da tarde tão apreciavel n'essas *tierras calientes*, cuja temperatura é sempre abrasadora, em vez de respirarem com *morbidezza* os calidos perfumes, que a brisa dos laranjaes sacudia da tunica impalpavel, seguiam com avidez os movimentos da guarnição.

Ao pé da casa do coronel Dupin era maior o reboliço. Os officiaes francezes passeavam dando o braço uns aos outros, mirando com olhos galanteadores o rosto moreno de algumas gentis mexicanas, cujas negras pupillas lampejavam por traz dos vidros da janella, ou relanceando-os com tristeza para o Oriente, cujo extremo horisonte, já entenebrecido pelas primeiras sombras do crepusculo, lhes escondia a patria, para onde a alma lhes voava nas azas da saudade.

Os turbulentos soldados da contra-guerrilha formavam grupos pittorescos; um inglez, um hespanhol, e um italiano faziam louvaveis, mas baldados esforços para se entenderem, mais adiante a queimada tez e o sombrio olhar de um mulato contrastavam com a candida pelle e o olho azul de um allemão. Este com um chapéo de palha, calça até meia perna, e jaqueta de veludilho safado encostava-se á boca de um bacamarte, aquelle de boné de tocador de realejo, comprido casaco, botas rotas, e correias de cór duvidosa, revisitava escrupulosamente a fecharia da sua espingarda. Os soldados de marinha esperavam com as armas ensarilhadas, os contra-guerrilhas de cavallo, tendo passado no braço a redea dos ginetes arreitados a capricho, puxavam bafuradas de fumo dos seus *papelitos*, ou accendiam a abrigo do vento os seus magnificos regalias. Era um quadro pittoresco e digno de se observar.

Já o coronel Dupin, uniformizado e prompto, apparecera á janella, e relanceara os olhos para a tropa variegada que tinha debaixo das suas ordens, quando assomou ao fim da rua um vulto embuçado n'uma capa, que se dirigio rapidamente para a casa, que servia de quartel general.

Era um hespanhol novo e esbelto, cujo traje ficava escondido pela ampla capa castelhana, que punha com garbo. A fina e pallida cabeça, coroada de cabellos negros, e coberta com um chapéu andaluz, poisava-se erecta e firme. A pallidez do rosto, n'esse instante mais que pallido, livido, chegava a assustar, tanto mais quanto lhe dava um grande realce a gola de veludo negro, que contrastava com a pallidez que apontámos. Mettiam medo os olhos, tal era a sua atonia. Não tinham nem uma lagrima: parecia que o sopro queimador de uma procella lh'as bebera uma a uma, e lhe exaurira as fontes d'onde ellas manavam. O seu andar parecia d'espectro, rapido mas hirto. Involuntariamente affastavam-se todos d'elle, e davam-lhe campo largo para passar. Gelavam-se as conversações dos grupos ao seu aspecto; e um vago e indefinivel calafrio corria pelas veias dos mais valentes.

— Que vulto de melodrama! disse um official francez reagindo contra a impressão que sentira como todos os outros, e voltando-se para um dos seus camaradas.

— Isto foi comparsa da Gaité, que trouxemos nas bagagens sem darmos por tal, redarguiu o interpellado. Gosta de fazer os ensaios a alguma distancia da scena, e veio até ao Mexico estudar atitudes.

— Qual historia, homem! Isto é o phantasma de Fernão Cortez, que nos vem fulminar com os seus anathemas por termos poisado o pé sacrilego n'esta catholica terra. Não acha, amigo? continuou em hespanhol, voltando-se para um logista mexicano, que, sentado á porta do seu estabelecimento, picava com toda a gravidade um rolo de tabaco, e embrulhava o classico cigarro.

— Que diz usted? perguntou o logista, metteno a navalha nos dentes para nivellar o tabaco picado, e enrolar a preceito o *papelito*.

— Pergunto se você sabe quem é este sujeito.

— É Perez Lorenzo, tornou o mexicano dobrando as duas pontas do canudinho de papel, e tirando da algibeira a caixa de phosphoros.

— E Perez Lorenzo quem é?

— É o mais rico *hacendero* dos contornos de Medellin e Vera-Cruz, continuou o fleugmatico americano, accendendo um phosphoro, e resguardando-o com a mão do sopro da aragem.

— Bravo, tornou o official. É rico e tem cuidados. Lembra o sapateiro de La Fontaine. Apos-to que é celibatario e se enfastia do celibato?

— É casado, acudio o seu imperturbavel interlocutor puxando uma baforada de fumo, e apagando o phosphoro.

— Com alguma mulher velha e feia como os sete peccados capitaes!

— Com uma menina de dezoito annos, linda como Nossa Senhora de Guadalupe.

— *Peste*, acudio o francez, que feliz maganão! Sendo assim, porque nos apparece o marido com esta cara de palmo e meio? Será elle ciumento... com motivos justificados?

— Carmen é virtuosa como um anjo, e seu marido adora-a.

Os dois officiaes francezes olharam pasmados um para o outro, depois desataram a rir, e, estendendo os braços em attitude heroi-comica, entoaram em duetto o *chavão* de todas as operas:

— *Quel est donc ce mystere?*

Entretanto Perez Lorenzo, depois de trocar algumas palavras com a sentinella, entrou em casa do coronel Dupin.

Passado pouco tempo, veio ordem para se recolher a tropa a quartéis, estando sempre em armas, e prompta para marchar uma força de trinta cavalleiros e de trinta infantes.

À meia noite foi uma ordenança da parte do coronel Dupin buscar o paquete.

A pequena força reuniu-se, saio do quartel, atravessou as ruas ermas e escuras de Medellin, e fez alto á porta da casa do coronel Dupin.

O camarada do coronel, empunhando um facho acceso, segurava com a outra mão as redeas de dois cavallos. Junto á hobreira da porta divisava-se o vulto sombrio de Perez Lorenzo. Quando a luz vermelha do archote lhe batia em cheio, tomava o seu rosto um aspecto diabolico. Fluctuava-lhe nos labios um sorriso sinistro, e nos olhos relampejavam chammas infernaes.

D'ahi a instantes poz-se a pequena tropa a caminho.

(Continua)

O aspecto de um moribundo é sempre, para o philosopho, o objecto mais fertil em reflexões.

Nada é tão cõmmum como o ler e conversar inutilmente.

O alfabeto foi a origem de todos os conhecimentos do homem e de todas as suas loucuras.

A dissimulação é algumas vezes necessaria, e a franqueza attrae quasi sempre inimizadas.

A lisonja é o sustento dos tolos.

SUBSCREVA-SE

Em Lisboa — No Escriptorio, Typ. Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho n.º 6, onde deve ser dirigida toda a correspondencia subscriptada á **Empreza do Panorama**.

Preços da assignatura

Por anno	1300	} Estampilhado	{ 1560 réis	
Semestre	650			780 "
Trimestre	340			400 "

No acto da entrega e avulso 30 réis.

Vende-se em todas as lojas do costume.

No Porto — Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.